

Desnutrição infantil cresce no DF

Saúde registra que 32% das crianças internadas na rede hospitalar vivem com deficiência alimentar

CLÁUDIA CARNEIRO

Desemprego, achatamento dos salários, assentamentos mais inchados, inexistência de saneamento básico e desinformação da própria mãe. Estas são as prováveis causas do aumento gradual da desnutrição infantil no Distrito Federal, que atingiu, no primeiro semestre deste ano, 32% das crianças internadas na rede hospitalar pública. A avaliação é da coordenadora do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional do DF (Sisvan) da Secretaria de Saúde, Maria Olímpia Marotta Gardino, ao comparar os dados com períodos anteriores.

A prevalência de crianças internadas nos hospitais da Fundação Hospitalar do DF (FHDF) que apresentavam quadro de desnutrição, no 2º semestre do ano passado, foi de 28%. No semestre anterior àquele, o levantamento do Sisvan — que utiliza critérios como peso, idade e sexo para avaliar o estado nutricional de crianças de zero a cinco anos — registrou 27% de desnutridos. Os dados são colhidos nos hospitais das oito regionais de saúde, que de janeiro a julho deste ano internaram 3.505 crianças até cinco anos — destas, 1.705 estavam desnutridas.

MISÉRIA — A Ceilândia, cidade em que se criaram vários “bolsões de miséria”, concentrados principalmente no setor P Norte, Expansão do Setor O e Condomínio Privê, foi a campeã na procedência das crianças internadas desnutridas. Das 1.105 diagnosticadas durante o período, 258 moram naquela satélite, 66 no Gama e 55 em

Brazilândia. Em outubro passado, o Sisvan levantou 144 crianças naquela faixa etária internadas no Hospital Regional da Ceilândia (HRC). 30% apresentavam deficiência nutricional, algumas com quadro clínico muito debilitado pelas doenças conseqüentes da desnutrição, em especial a diarréia e pneumonia.

Mas foram os hospitais regionais do Gama e Planaltina que atenderam o maior número de crianças desnutridas, proporcionalmente. Ambos apresentaram taxas de 54% do total de internadas nas clínicas pediátricas. Aquelas regionais se destacam pela grande incidência de pessoas do entorno atendidas nos hospitais, o que revela mais uma face da procedência de crianças desnutridas, lembrou a chefe do Serviço de Saúde Alimentar da Secretaria de Saúde, Iara Ramires.

AMAMENTAÇÃO — As crianças mais atingidas pela desnutrição estão entre a faixa etária de 12 a 23 meses (313 casos no primeiro semestre/92). “Este dado nos revela que, enquanto são amamentados, os bebês mantêm medidas mais compatíveis com o estado nutricional adequado. Quando ocorre o desmame e são introduzidos novos alimentos, a criança fica mais vulnerável a doenças”, sustentou Iara Ramires. As principais causas de internação infantil são diarréia e pneumonia. São indicadores que revelam o estado nutricional crítico da criança, ressaltou a nutricionista, explicando que uma criança mal alimentada está mais suscetível a infecções.

DADOS DA SAÚDE

Crianças de 0 a 5 anos internadas com desnutrição na FHDF

	1º semestre	2º semestre
1988	—	23%
1989	20%	22%
1990	29%	28%
1991	27%	28%
1992	32%	

Fonte: Secretaria de Saúde/GDF

Glenio Dettmar



Ceilândia lidera nos casos de internamento hospitalar de crianças com deficiência alimentar

Professora encontra solução alternativa

Farelos de trigo e arroz; pó da casca do ovo e folha da mandioca; sementes de abóbora, melancia, mamão; casca de banana e melancia; folhas de plantas medicinais, como o assapeixe, picão, serralha e dente-de-leão. Esta lista excêntrica de alimentos foi a alternativa mais eficiente e econômica encontrada pela professora Luzia de Lourdes Moreira de Paula, para reverter o estado de desnutrição que debilita as crianças de sua comunidade, o Setor P Norte de Ceilândia.

O programa de alimentação alternativa para compensar a deficiência nutricional, idealizado pela pediatra nutróloga do Ministério da Saúde, Clara Brandão, foi implantado por Luzia de Paula em 1986 — ano em que fundou uma creche no P Norte para atender a 10 crianças carentes. O esforço para estruturar um programa que chegasse ao maior número de famílias da região — essencialmente aquelas que constituem os chamados bolsões de miséria — deu certo. Hoje, o Centro Comunitário da Criança trabalha com 300 garotos que têm no cardápio diário de refeições alternativas.

Luzia e as próprias mães que se revezam nos serviços da cozinha da creche utilizam todo tipo de alimento — nada familiar à mesa brasileira, mas muito rico em nutrientes, especialmente as vitaminas e os sais minerais. Os alimentos extraídos da própria região são utilizados em sucos, tortas, paçoca, bolos, pães e doces, além do almoço e jantar da garotada.

RECUPERAÇÃO — Luzia de Paula garante que, dentro de três meses, as crianças com desnutrição serão praticamente recuperadas, baseando-se nos diagnósticos feitos no Centro de Saúde 8 de Ceilândia. O programa de alimentação alternativa é ampliado às famílias, que vão ao centro comunitário aos sábados, para preparar pessoalmente seus alimentos. Os farelos são torrados e levados para casa sem qualquer custo às famílias carentes.

CIAC — O êxito no programa alternativo de baixo custo legou a Luzia a administração da alimentação na creche do Ciac de Ceilândia. Em setembro, a cozinha do Ciac gastou apenas Cr\$ 1.803,84 por dia com cada criança. (C.C.)